

LINGUÍSTICA COGNITIVA E LÍNGUAS DE SINAIS: POR UMA TRADUÇÃO VISUO-CORPÓREA-ESPACIAL¹



LIBRAS

Cognitive linguistics and sign language: for a translation space-visual-embodiedn

Veridiane Pinto Ribeiro²

RESUMO

A questão que motiva nosso estudo é saber: como as teorias da Linguística Cognitiva podem contribuir para os estudos da tradução em línguas de sinais? Assim, o presente estudo objetiva dialogar com os principais autores da Linguística Cognitiva e suas teorias, de modo que possam explicar os processos cognitivos do tradutor-intérprete durante sua atuação intra-inter lingual e semiótica. O caminho metodológico é de natureza bibliográfica, buscando em literaturas consagradas os subsídios teóricos que componham uma análise comparativa, onde relacionamos estudos da tradução e estudos da Linguística

ABSTRACT

The issue that motivates our study is to find out how the theories of Cognitive Linguistics can contribute to the field of translation in Sign Language. Therefore, the present research objective is to create a dialogue among the main authors of Cognitive Linguistics and their theories, in a way that they can explain the cognitive processes of the translator-interpreter during their intra-inter lingual and semiotics work. The methodology chosen is through bibliographic resources, searching within renowned literature theory subsidies that contain a comparative analysis, thus being able to relate the

¹ Acesse aqui para ler em Libras: <https://youtu.be/2Aw1j3ooZl4>.

² Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC, Palhoça, SC, Brasil; e-mail: veridiane.ribeiro@ifsc.edu.br

Cognitiva para compreender em que medida as teorias convergem, em uma análise que revele processos cognitivos complexos no exercício da tradução e interpretação entre língua portuguesa e línguas de sinais, que podem ser identificados e explicados pelos modelos cognitivos de uma língua visuo-corpórea³-espacial. Este estudo pode contribuir na formação de TILS (Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais), no que tange à compreensão de suas habilidades corporificadas durante o exercício de tradução e interpretação.

studies of translation with the studies of Cognitive Linguistics in order to comprehend how these theories converge. The analysis reveals complex cognitive processes in the exercise of translating and interpreting between the Portuguese Language and Sign Language, which can be identified and explained by the cognitive models of a space-visual-embodied language. The studies here made can contribute to the formation of Sign Language Interpreters (TILS), in the range of understanding their own embodied abilities working as a translator-interpreter.

PALAVRAS-CHAVE

Linguística cognitiva e tradução; Tradução e interpretação de Libras; Língua visuo-corpórea-espacial.

KEYWORDS

Cognitive linguistics; Translation and interpretation of Libras; Space-visual-embodied language.

Introdução

O presente estudo foi motivado por inquietações acerca da busca por compreender como os estudos da tradução em línguas de sinais se relacionam aos estudos da cognição e da linguística. Destas inquietações surgiu a seguinte questão-problema: como as teorias da Linguística Cognitiva podem contribuir com os estudos dos processos de tradução em línguas de sinais? Para responder a esta questão, delineamos como objetivo dialogar com os principais autores e suas teorias que possam explicar os processos cognitivos dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais durante sua atuação intra-interlingual, semiótica e intersemiótica.

Para alcançar este objetivo, definiu-se como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica e a análise dos dados de forma qualitativa a partir

³Nosso senso do que é real emerge e depende crucialmente de nossos corpos, especialmente de nosso aparato sensoriomotor, o qual nos possibilita perceber, mover, e manipular [objetos]; e das estruturas detalhadas de nossos cérebros, as quais têm sido moldadas tanto pela evolução como pela experiência (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 17).

de um quadro comparativo e da produção de síntese diagramada. Os dados foram coletados em fontes bibliográficas com foco em autores que têm publicado estudos sobre Tradução, Linguística Cognitiva e tradução/interpretação Português/Libras/Português. Na tradução, podemos destacar publicações consagradas como as de Ricoeur (2012); Oustinoff (2011) e Rónai (2012), dialogando com alguns teóricos da Linguística Cognitiva, como Fauconnier e Turner (1998, 2002); Bergen, Chang e Narayan (2004); e Fillmore (2007), além de Lacerda (2009) e Ribeiro (2016), da área de estudos da tradução em línguas de sinais. A partir de um quadro comparativo, foram selecionadas teorias das áreas da Tradução e da Linguística Cognitiva, divididas em duas colunas paralelas. O quadro possui linhas de A a F, onde cada letra relaciona cada uma das teorias. Uma outra análise-síntese foi criada a partir das teorias, com o objetivo de apontar de maneira mais coerente os processos cognitivos envolvidos.

A revisão bibliográfica é composta por uma seção que questiona o que estamos falando, explicitando principais conceitos da Linguística Cognitiva e uma segunda seção apresenta a resposta a outra questão relacionada, à medida em que as teorias da Linguística Cognitiva convergem com as teorias da Tradução das línguas de sinais. Os estudos podem revelar processos cognitivos complexos no exercício da tradução e interpretação entre Língua Portuguesa e Línguas de Sinais, que podem ser identificados e explicados pelos modelos cognitivos de uma língua visuo-corpórea-espacial.

1. De que estamos falando?

Estamos falando de uma perspectiva teórica que compõe os estudos da ciência linguística denominada Linguística Cognitiva. Trata-se de uma perspectiva que acolhe uma série de linhas teóricas, as quais chamamos “módulos cognitivos”, cujos pressupostos se sustentam na indissociabilidade entre forma e significado na construção da linguagem, em que as experiências corporificadas norteiam processos de *inputs* e *outputs* linguísticos (AZEVEDO, 2010; CAVALCANTE e SOUZA, 2010; CHIAVEGATTO, 2009; DUQUE e COSTA, 2012; FERRARI, 2014; SALOMÃO, 2009).

Com base em Ribeiro (2016), estes movimentos se contrapõem à perspectiva estruturalista e gerativista.

Do ponto de vista do estruturalismo, faz objeção às afirmações de que a língua é um fenômeno que pode ser puramente descritivo, compondo-se de fonologia, morfologia e sintaxe, numa relação hierárquica, indiferente à contribuição histórico-sócio-cultural de seu usuário. Do ponto de vista do gerativismo, faz objeção ao fato de ter sim admitido a importância de se estudar a cognição, mas enquanto espaço onde ocorrem os processamentos mentais da construção linguística, sem levar em conta a contribuição de aspectos corporificados como percepções, memória e atenção nesta construção, além da língua em uso. Além do mais, o gerativismo engessou os estudos sintáticos por um longo tempo ao defender e convencer a comunidade científica da área da linguística sobre suas concepções gramaticais e agramaticais. Para a Linguística Cognitiva, uma gramática que admite sua performance por “construções” é regida pelo par forma/significado em qualquer situação comunicativa e motivada por experiências corporificadas (p. 36).

Em uma perspectiva composicional, a estrutura de uma construção baseada em seus processos semânticos recebe “componentes”, onde há um pertencimento a partir de relações de sentido. Numa construção baseada em seus processos sintáticos, a constituição parte de “elementos”, o que remete à ideia de “junção”, porém, não interdependentes semanticamente. Não se admite que construções sintáticas se façam apenas a partir de regras gramaticais e não a partir de relações de sentidos expressas por seus correspondentes simbólicos (palavras). Na mente do falante, a construção sintática se dá, principalmente, a partir de intenções comunicativas com significado. Ribeiro (2016) afirma que a Linguística Cognitiva defende a indissociabilidade entre forma (elementos) e significado (componentes).

Segundo Langacker (1987), quando se trata de léxico, morfologia e sintaxe, o que temos é um *continuum* de unidades simbólicas que servem para estruturar todo um conteúdo semântico no momento da fala, uma afirmação que defende as relações inerentes entre gramática e significado.

Um dos modelos cognitivos nos estudos da Linguística Cognitiva é a Gramática de Construções Corporificadas, cujos protagonistas são os estudiosos Benjamin Bergen e Nancy Chang. Esse modelo defende que a perspectiva da Linguística Cognitiva se dê por construções em uma variedade de outros modelos cognitivos que representem a gramática das línguas. Porém, algo que se faz pertinente destacar é a motivação que embasa esse estudo: a corporificação nos processos linguísticos. Trata-se do estudo de uma construção sintática motivada

por experiências perceptivas corporificadas no espaço social, algo que justifica uma análise linguística com base na língua em uso.

Para Bergen e Chang (2013, p. 02-03, tradução nossa)

[...] as construções são incorporadas em modelos de uso da linguagem; em vez de objetos apenas descritivos, como eles são na maior parte das experiências da gramática de construção, estes emparelhamentos forma-significado são componentes do conjunto hipotetizado de mecanismos envolvidos por usuários da língua. Qualquer proposta de construção de participar na produção ou compreensão de um determinado enunciado deve, portanto, ter consequências observáveis nesse caso de uso da linguagem; não deve haver formalmente construções vazias. Neste sentido, cada par construcional forma-significado representa uma hipótese a ser validada através de observações do comportamento em ambientes naturais e experimentais. Para facilitar a construção de modelos que podem validar essas hipóteses, construções em GCC são expressas em uma notação formal que tem uma implementação computacional simples. Em suma, a GCC leva à percepção de que as pessoas usam a gramática significativamente e funcionalmente, e usam-na para construir uma empiricidade conduzida, computacionalmente implementada, teoria preditiva do uso da linguagem.⁴

Pode-se dizer que a natureza da compreensão e do pensamento são determinadas pela Gramática de Construções Corporificadas, justamente por seu aspecto corporificado. (JOHNSON, 1987; VARELA, THOMPSON, ROSCH, 1991). Toda a organização do pensamento se alimenta das experiências que nosso corpo visita e revisita ao longo da vida, adquiridas em sensibilidades como o toque, o cheiro, a percepção visual e auditiva, toda a memória e atenção que nosso cérebro administra nos processos comunicativos.

Vale destacar que a Gramática de Construções Corporificadas admite concepções próprias da Linguística Cognitiva, considerando que para produzir ou interpretar expressões linguísticas, requer-se a evocação de habilidades psicológicas gerais como memória, atenção, percepção, além de processos

⁴ [...] constructions are incorporated into models of language use; rather than just descriptive objects, as they are in most flavors of construction grammar, these form-meaning pairings are components of the hypothesized set of mechanisms engaged by language users. Any construction proposed to participate in the production or comprehension of a given utterance should therefore have observable consequences in that language usage event; there should be no formally vacuous constructions. In this sense, each constructional form-meaning pair represents a hypothesis to be validated through observations of behavior in natural and experimental settings. To facilitate the building of models that can validate such hypotheses, constructions in ECG are expressed in a formal notation that has a straightforward computational implementation. In short, ECG takes the insight that people use grammar meaningfully and functionally, and uses it to build an empirically driven, computationally implemented, predictive theory of language use (BERGEN e CHANG, 2013, p. 02-03).

como categorização, abstração, mapeamento, projeção e integração conceitual. Esse processamento ocorre de forma rotineira e, principalmente, inconsciente (AZEVEDO, 2010; BERGEN e CHANG, 2005, 2013; BERGEN, CHANG, NARAYAN, 2004; CHANG e MOK, 2006).

1.1 E falar de *linguística cognitiva* envolve *tradução*?

É uma relação que se concentra no plano do significado. Como dito anteriormente, as gramáticas de construções defendem o par forma/função (ou forma/significado) como uma unidade indivisível e não em termos de elementos distintos, assim como geralmente é feito em modelos composicionais, mas em componentes que se “procuram”, com o objetivo de atribuir significado à mensagem.

Pode-se dizer que as gramáticas de construções partem do pressuposto de que o falante de uma determinada língua opera com estruturas linguísticas complexas (diretamente associadas a um significado/função) no ordenamento do seu conhecimento gramatical. Essas estruturas complexas organizam-se, na mente do falante, sob a forma de uma rede de padrões que se relacionam de acordo com suas características comuns. Ao produzir sentenças, o falante já tem armazenada uma rede de relações de significado que o leva a fazer escolhas coerentes no momento da fala. Há uma articulação inconsciente que constrói as sentenças com foco na expressão de sentidos. (RIBEIRO, 2016, p. 84).

Nesta perspectiva, privilegia-se o sujeito da interlocução e suas experiências sociais, em detrimento de estudos focados em fragmentos textuais descontextualizados. Dessa maneira, o sujeito corpóreo é o centro da investigação.

Martelotta e Palomanes (2010) fazem uma contribuição neste sentido ao afirmarem que a Linguística Cognitiva propõe “uma mudança de perspectiva no estudo da linguagem, colocando os usuários da língua no centro da construção do significado” (p. 181). Com foco no sujeito da ação comunicativa, os estudiosos destacam ainda que:

Desse modo, fenômenos característicos do uso da língua passam a ter maior importância para a compreensão do fenômeno da linguagem. Para os cognitivistas, a gramática de uma língua constitui um conjunto de princípios dinâmicos, os quais, nas palavras do linguista Ronald Langacker⁵, se associam a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso. Mais do que

⁵ Ronald W. Langacker é um linguista americano e professor emérito da Universidade da Califórnia. Ele é comumente conhecido com um dos fundadores da Linguística cognitiva e criador da Gramática cognitiva.

isso, para os cognitivistas, a comunicação é uma atividade compartilhada, ou seja, implica uma série de movimentos feitos em conjunto pelos interlocutores em direção à compreensão mútua. Isso quer dizer que a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna possível que os elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido. (MARTELOTTA e PALOMANES, 2010, p. 181).

A Linguística Cognitiva se ocupa em perseguir as respostas para a compreensão dos processos na mente do sujeito que ouve, percebe, vê e se expressa, numa constante cognoscente atrelada ao corpo-mente-forma-significado. “É uma visão holística da construção da linguagem, onde todo o processo é indissociável e interdependente” (RIBEIRO, 2016, p. 178-179).

A Linguística Cognitiva entende que estes processos podem acontecer na esteira da seguinte classificação para os tipos de tradução:

1. A tradução intralingual, ou reformulação (*rewording*), consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
2. A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
3. A tradução inter-semiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (JAKOBSON, 1975, p. 64-65).

Agrega-se a essa esteira, o conceito de “semiótica”, que segundo Santaella (1986) vem a ser “a ciência que investiga todas as linguagens possíveis, ou seja, tem como objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido” (p. 15).

Para além da classificação de tipos de “tradução”, este estudo ocupa-se de algumas perspectivas alinhadas ao cerne da “tradução”, pois considera-se que são subsídios para a compreensão das relações elencadas às contribuições da Linguística Cognitiva.

Assim, vale ressaltar as contribuições de Oustinoff (2011), que em sua obra descreve algumas teorias, chamando a atenção para as dicotomias tradicionais que opõem letra e espírito, assim como forma e conteúdo, estilo e sentido, original e tradução, bem como autor e tradutor. Defende que se trata, na verdade de uma visão dualista. “A forma não vem se sobrepor ao sentido: os dois são indissociáveis” (p. 66). Defende ainda que linguística e tradução são

complementares. Pode-se afirmar que a Linguística Cognitiva trata a forma e o significado como elementos indissociáveis na língua em uso, inclusive nas relações entre língua fonte e língua alvo, ou seja, a língua de partida e a língua de chegada, especificamente neste estudo, partindo de uma língua oral para uma língua de sinais. É notório que o tradutor aciona domínios semânticos, “atento às nuances entre forma e significado para definir suas escolhas tradutórias e passar ao espectador sentenças coerentes de sentido” (RIBEIRO, 2016, p. 179).

O pesquisador também aponta para outro aspecto relevante da atuação do tradutor-intérprete, o fato de que “O enunciado fonte só pode ser compreendido quando formos capazes de reformulá-lo em língua-fonte” (p. 75). A competência desse profissional em compreender, significar e ressignificar em sua primeira língua faz-se fundamental para garantir a fidelidade da informação, seja o movimento intra-interlingual ou semiótico-intersemiótico. Entende-se que a organização sintática, os aspectos culturais muito peculiares em cada língua e a polissemia são alguns dos elementos que as diferenciam e que desafiam o tradutor a encontrar a maior proximidade possível de equivalência ou de correspondência, seja da primeira língua para a segunda ou vice-versa.

Para dar conta desses aspectos no exercício da tradução-interpretação, Magalhães Junior (2007), acentua a importância de estudar a língua, a cultura dessa língua, de mergulhar no habitat natural onde a língua reside e conhecer tudo que for possível sobre ela em todos os contextos linguísticos. O papel dessas experiências se revela nos desafios tradutórios, onde o conhecimento dessas peculiaridades na língua fonte e na língua alvo farão toda a diferença em sua performance.

Lacerda (2009), uma pesquisadora na área de tradução e interpretação em Língua Brasileira de Sinais, alerta para o trabalho de compreensão de sentidos do texto de partida (texto fonte) e do texto de chegada (texto alvo). Tal habilidade é possível em estudos para além de vocabulários e gramática, é imprescindível a experiência cultural, linguística e social com os usuários como primeira ou segunda línguas. Ativar a percepção de nuances, vivenciar características ímpares, mergulhar no universo de conhecimento, ativar uma rede de combinações com foco na fidelidade da mensagem, algo que a experiência corpórea pode oportunizar.

Destacamos também os estudos de Duque e Costa (2012), em que afirmam que as unidades conceituais que preenchem uma rede de combinações pertencem aos domínios locais, chamados Espaços Mentais. Durante a narrativa, construímos espaços que receberão ações, que chamamos de domínios locais. As estruturas temporárias não permanecem em nossas estruturas imagéticas de forma fixa, surgem com base no contexto e na necessidade, são criadas durante o processo de construção de sentido. Nosso dicionário mental, nosso conhecimento adquirido em nossas experiências, constroem os domínios estáveis.

Considera-se também nesta breve apresentação deste estudo, as contribuições de Ricoeur (2012), pesquisador da área da tradução de línguas orais que faz reflexões sobre a tarefa do profissional tradutor-intérprete, afirmando que esta não vai da palavra à frase, ao texto, ao conjunto cultural, mas ao inverso. A partir de um mergulho em vastas leituras do espírito de uma cultura, ele defende que o tradutor desce novamente do texto à frase e à palavra. Como intérprete que é, Ricoeur defende que o último estágio desse processo é o estabelecimento de uma espécie de glossário no âmbito das palavras. Explica que a escolha do glossário é a última prova na qual se cristaliza para ser utilizada em traduções. Este glossário é o que vem sendo chamado de “domínios” na Teoria dos Espaços Mentais, na Linguística Cognitiva (FAUCONNIER, 2007). Porém, vale ressaltar que não se está aqui falando de tradução literal ao abordarmos esta breve discussão sobre a função do glossário mental no processo cognitivo da tradução e interpretação. O exercício cognitivo de identificar equivalências não está na correspondência dicionarizada entre palavras e sim na equivalência de sentidos. É consenso entre os pesquisadores citados até aqui que uma perspectiva de tradução por equivalência é a de tentar traduzir o intraduzível. Expressões idiomáticas e usos culturais são, muitas vezes, pertencentes a uma única língua, sendo necessário encontrar a correspondência de sentido na língua alvo. Portanto, o glossário se hospeda na memória, uma memória de longo prazo, e se torna ferramenta de resgate.

Para Fauconnier (2007, p. 351, tradução nossa),

Espaços mentais são articulações entre domínios construídos no momento em que pensamos e falamos para fins de compreensão em ação reais. Eles contêm elementos e são estruturados por frames e modelos cognitivos. Espaços mentais estão ligados ao conhecimento esquemático envolvendo a memória de longo

prazo. [...] Espaços mentais são construídos e modificados à medida que pensamento e discurso se desenrolam e são ligados uns aos outros por vários tipos de mapeamentos, em particular, de mapeamentos de identidade e de analogia. Postula-se que a nível neural, espaços mentais são conjuntos de conjuntos neuronais ativados e que as conexões entre os elementos correspondem a um processo de coativação-ligação. Deste ponto de vista, espaços mentais operam na memória de trabalho, mas são construídos, em parte, pela ativação de estruturas disponíveis a partir da memória de longo prazo.⁶

Corroborando para os estudos do trabalho de tradução, Rónai (2012), afirma que está atrelado a um instrumento vivo: a língua, onde palavras são ressignificadas a cada contexto, que não estão escravizadas a dicionários que não dão conta de toda complexidade em torno da tradução e interpretação. Segundo Fauconnier e Turner (1998, 2002), essa ressignificação é um processo de mesclagem, de integração conceptual, são domínios estáveis, e assim se entendem pelo fato de serem transitórios. A mesclagem ou integração conceptual é a habilidade cognitiva de relacionar conceitos diferentes, construindo um novo significado, como é o caso das metáforas. A partir de domínios locais (permanentes) e estáveis (transitórios), armazenados na memória de nossa enciclopédia mental, somos capazes de fazer relações e produzir novos sentidos a partir de estímulos provocados durante o processo intercomunicativo. É uma habilidade cognitiva, perceptiva e corporificada da qual o tradutor-intérprete também se vale para dar sentido às suas expressões linguísticas.

Fauconnier e Turner (2002), Lakoff e Johnson (1980 e 1999), e Bergen e Chang (2005) também investigam os processos cognitivos envolvidos na compreensão de narrativas. Para eles, a informação espacial, ou seja, o espaço de sinalização, o cenário onde a ação se dá, refere-se às molduras semânticas ou frames aos quais os construtores estão relacionados. Esses construtores são fornecidos pela atividade corporificada em relações sociais envolvendo percepções visuais, auditivas, de toda ordem sensitiva, as quais os tradutores-intérpretes estão

⁶ Mental spaces are very partial assemblies constructed as we think and talk, for purposes of local understanding and action. They contain elements and are structured by frames and cognitive models. Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge. [...] Mental spaces are constructed and modified as thought and discourse unfolds and are connected to each other by various kinds of mappings, in particular identity and analogy mappings. It has been hypothesized that at the neural level, mental spaces are sets of activated neuronal assemblies and that the connections between elements correspond to coactivation-bindings. On this view, mental spaces operate in working memory but are built up partly by activating structures available from long-term memory (FAUCONNIER, 2007, p. 351).

vivenciando. “Afirmam que os leitores constroem micromundos razoavelmente elaborados, corporificados, quando estão compreendendo histórias literárias, entendendo que são as práticas discursivas que tornam significativas as experiências” (RIBEIRO, 2016, p. 135).

O que Fillmore (2007), também denomina “frame” ou “moldura semântica” e até mesmo “contexto motivador”, é ferramenta cognitiva na atuação de tradutores-intérpretes, inclusive de línguas de sinais, na medida em que o conhecimento adquirido na experiência corpórea antecipa a ocorrência de possíveis expressões e auxilia na produção comunicativa. Identificar os cenários enunciativos auxilia no desempenho de uma atuação que exige do profissional fazer escolhas em um curto espaço de tempo entre ouvir a mensagem, processá-la (interpretá-la), encontrar equivalente na língua alvo, construir as sentenças e expressá-las.

[...] saber que um texto é, digamos, um obituário, uma proposta de casamento, um contrato de negócios ou um conto popular, fornece o conhecimento sobre como interpretar algumas passagens específicas nesses textos, como esperar que o texto se desenvolva e como saber quando termina. É frequentemente o caso de tais expectativas combinarem com o material efetivo do texto para levar à interpretação correta do texto. E mais uma vez isso é feito tendo em mente uma estrutura abstrata de expectativas que trazem consigo os papéis, propósitos, sequências naturais ou convencionadas de tipos de eventos e todo o resto do aparato que deseja associar a noção de ‘frame’. (FILLMORE, 1982, p. 117).

A partir do domínio que os profissionais tradutores-intérpretes fazem dos frames no exercício da tradução e interpretação, esses cenários podem ser apresentados no espaço de sinalização de forma macro ou microvisual. Talmy (2000), identifica topicalizações na fala oral, baseadas nos princípios da Gestalt, onde desenvolvemos a habilidade de produzir sentenças em diferentes perspectivas de destaque, dependendo da nossa intenção comunicativa. Em analogia, pesquisas como as de Castro (2013) revelam toda a importância que os aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica têm para os processos de construção em línguas de sinais. Trabalhando com diferentes planos de distanciamento comuns nesta atividade, é possível conjecturar que a capacidade imagética dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais revela-se na produção do espaço de sinalização em sentenças de distanciamento macro e microvisuais. Uma habilidade adquirida em uma relação corpórea com o ambiente social, por meio da percepção visual.

Com base nos postulados da Linguística Cognitiva, Östman e Fried, (2005) não se ocupam de reflexões em torno dos estudos da linguística das línguas de sinais, mas é possível refletir sobre os fenômenos linguísticos cognitivos apontados por esses pesquisadores na interpretação, em seus postulados sobre a maneira como os textos são compreendidos e processados por aqueles que os tomam em busca de sentidos, algo que os estudiosos vêm chamando de “padrões discursivos” (apud DUQUE e COSTA, 2012). O contexto ao qual a narrativa está ligada, ativa na mente do falante os discursos possíveis a serem desenrolados e esses desdobramentos de padrões discursivos em diferentes narrativas podem ser arquitetados na mente dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais durante o processo de construção do texto.

O exercício da tradução e interpretação, seja de línguas orais ou de línguas de sinais, implica em defender as particularidades dos processamentos do organismo. É a mente corpórea manifesta nos momentos de produção, aprendizado e compreensão da linguagem, que podem ter um efeito sobre o caráter da linguagem, sobre as características individuais na produção linguística (LAKOFF e JOHNSON, 1999; FELDMAN, 2006).

Segundo Lakoff e Johnson (1999), a hipótese de uma mente corporificada abalou consideravelmente a distinção entre percepção e conceptualização, no sentido de que não há distinção e sim aproximação. Na concepção dos autores, em uma mente corporificada, o mesmo sistema neural, engajado na percepção ou no movimento corporal, desempenha um papel central na concepção, ou seja, as mesmas estruturas neurais responsáveis pela percepção, pelo movimento e pela manipulação de objetos são também responsáveis pela conceptualização e pelo raciocínio.

Nesse contexto, segundo Duque e Costa (2012, p. 149), baseados em Bergen (2007)

[...] uma abordagem corporificada deve conceber o significado envolvendo a ativação do conhecimento perceptual, motor, social e afetivo na caracterização do conteúdo dos enunciados. O indivíduo exposto à língua a apreende (e aprende) recorrendo ao emparelhamento de “pedaços” da língua com experiências perceptuais, motoras, sociais e afetivas reais. Em casos posteriores de uso da língua, quando os estímulos motores perceptivos, sociais, efetivos originais não estão presentes no contexto, as experiências são recriadas e revividas por meio da ativação de estruturas neurais. Nesse sentido, o significado é “corporificado”, uma vez

que depende de o indivíduo ter vivenciado experiências em seu corpo no mundo real, onde são recriadas experiências em resposta à entrada linguística. Por outro lado, essas experiências são revividas para produzir saída linguística.

A corporalidade, mente corpórea, língua corporificada, são termos para a mesma definição: que a língua se constrói em inputs e outputs linguísticos nas relações espaciais que nosso cérebro é capaz de promover a partir de nossas experiências visuais; que o movimento corporal revela reações a partir de relações de sentido produzidas no ambiente; e que os conceitos aspectuais produzidos em simulações neurais do movimento revelam a estrutura de nossas ações produzidas cognitivamente.

As habilidades cognitivas apresentadas até aqui levam à antecipação nas relações comunicativas, algo que a Linguística Cognitiva, dentro do modelo cognitivo da Gramática de Construções Corporificadas, vem chamar de Simulação Mental. Bergen, Chang e Narayan (2004) defendem que vários estudos recentes apoiam a noção de simulação na compreensão da linguagem com base na ativação perceptiva e cognitiva. Segundos esses estudiosos, os olhos da mente produzem imagens que podem ser requeridas pela simulação mental, evocadas durante a ação comunicativa, algo que resulta na antecipação da expressão no espaço de comunicação. Explicam que o processo de simulação faz uso do conhecimento perceptivo e do motor subjacente a essa representação esquemática, fornecendo conteúdo perceptivo e motor detalhado que pode sustentar inferências e, no relato corrente, constitui entendimento.

Os mesmos pressupostos são defendidos em 2007 por Bergen, Lindsay, Matlock e Narayanan. Os pesquisados versam sobre o papel da imagem visual na compreensão da linguagem e fornecem evidências de que o processamento da linguagem se vale de imagens perceptivas específicas, tanto locais quanto descritivas, bem como de entidades e seus atributos, ativando a simulação mental.

Na tese de Ribeiro (2016) encontra-se a defesa de uma mente corpórea no exercício da tradução-interpretação em línguas de sinais. Para a pesquisadora, mente e corpo são indissociáveis, assim como linguagem e cognição caminham atreladas e a cognição se constrói em habilidades perceptíveis que exploram espaços e sensações, armazenando informações que podem ser evocadas a qualquer momento, modeladas conforme a necessidade do agente discursivo e seu contexto.

2. Análise dos dados

A análise dos dados é comparativa. O objetivo é encontrar similaridades nas teorias da Linguística Cognitiva e nas teorias da Tradução, para marcar o espaço de análises frutíferas no campo dos estudos da linguística e da tradução das línguas de sinais com base nos postulados da Linguística Cognitiva. As teorias apresentadas no Quadro 01 foram retiradas da revisão bibliográfica apresentada neste estudo. As palavras sublinhadas ajudam a relacionar em que ponto as teorias convergem.

Quadro 1 – Diálogos teóricos

DIÁLOGOS TEÓRICOS	
TRADUÇÃO	LINGUÍSTICA COGNITIVA
(A)	(A)
Oustinoff (2011) - A <u>forma</u> não vem se sobrepor ao <u>sentido</u> : os dois são indissociáveis. Linguística e tradução são complementares.	Talmy, (2000); Langacker, (1987); Osmanska-Lipka, (2012); Duque e Costa, (2012) - [...] os fenômenos interlinguísticos envolvem processos como o pareamento <u>forma/ significado</u> .
(B)	(B)
Rónai (2012) - O trabalho do tradutor está atrelado a um instrumento vivo: a <u>língua</u> , onde palavras são <u>ressignificadas</u> a cada contexto.	Fauconnier e Turner (1998, 2002) - [...] processo de <u>mesclagem</u> , de <u>integração conceptual</u> . A partir de domínios locais e estáveis, armazenados na memória de nossa enciclopédia mental, somos capazes de fazer relações e produzir <u>novos sentidos</u> a partir de estímulos provocados durante o processo intercomunicativo
(C)	(C)
Magalhães Junior (2007) - [...] a importância de estudar sobre a <u>língua</u> , sobre a <u>cultura</u> desta língua, de mergulhar no habitat natural onde a língua reside e conhecer tudo que for possível sobre ela em todos os <u>contextos linguísticos</u> .	Fillmore (2007) - [...] a noção do <u>contexto</u> desempenha um papel crucial na descrição dos <u>significados</u> linguísticos, algumas <u>palavras</u> existem para fornecer acesso aos conhecimentos de tais <u>frames</u> para os participantes no processo de comunicação e, ao mesmo tempo, servir para realizar uma categorização que leve esse <u>enquadramento</u> dos <u>sentidos</u> .

(D)	(D)
Ricoeur (2012) - [...] a escolha do <u>glossário</u> é a última prova na qual se cristaliza para ser utilizada em traduções.	Fauconnier e Turner (1998, 2002) - [...] o <u>glossário</u> é o que vem sendo chamado de <u>domínios</u> na <u>Teoria dos Espaços Mentais</u> .
(E)	(E)
Castro (2013) - [...]a importância que os <u>aspectos imagéticos</u> , técnicas de aproximação e distanciamento dos enquadres cinematográficos	Talmy (2000) - [...] baseadas nos princípios da <u>Gestalt</u> , onde desenvolvemos a habilidade de produzir sentenças em <u>diferentes perspectivas</u> de destaque, dependendo da nossa intenção comunicativa
(F)	(F)
Lacerda (2009) - [...] faz-se indispensável ao intérprete ter todo o <u>conhecimento do tema</u> que está sendo tratado, o <u>vocabulário específico</u> e as <u>expressões</u> precisam estar disponíveis a priori.	Fillmore (1982) - [...] expectativas do tradutor em relação às possibilidades de <u>escolhas tradutórias</u> , combinando material efetivo do texto para levar à interpretação correta, em uma estrutura abstrata de expectativas que trazem consigo os <u>papéis, propósitos, sequências naturais ou convencionadas de tipos de eventos</u> e tudo que deseja associar à noção de <u>'frame'</u> .
<p>Bergen, Chang e Narayan (2004) -</p> <p>A compreensão passa pela simulação internamente ou mentalmente, onde são imaginados o cenário descrito por ativação de um subconjunto das estruturas neurais que estariam envolvidas em perceber os preceitos e executar as ações descritas na simulação.</p>	

Fonte: Produzido pela autora.

O Quadro 1, apresenta na linha A, coluna da Tradução, teorias de Oustinoff (2011), que defende a forma das sentenças indissociáveis ao sentido. O que vem ao encontro do que é defendido por Talmy (2000); Langacker, (1987); Osmanska-Lipka, (2012); Duque e Costa, (2012), também na linha A, porém na coluna Linguística Cognitiva. Os pesquisadores entendem o fenômeno dos processos interlinguísticos, constituídos indissociavelmente entre forma e significado.

Na linha B, Rónai (2012) estudioso da área da Tradução, vem abordar as questões do trabalho do tradutor atrelado à língua como um instrumento vivo, em constante transformação, onde palavras são ressignificadas a cada contexto. Para Fauconnier e Turner (1998, 2002), estudiosos da área da Linguística Cognitiva, os processos de mesclagem e integração conceptual são os nomes dados a estes fenômenos de ressignificação cuja a língua se constitui.

Já na linha C, Magalhães Junior (2007), vem discutir a importância do maior envolvimento possível com os aspectos culturais da língua a ser traduzida e interpretada. Também na linha C, Fillmore (2007) também argumenta sobre a relevância do conhecimento do contexto (onde transitam aspectos culturais), para expressão dos significados na língua alvo, com base em frames que possam garantir a compreensão dos sentidos, já que os frames carregam este “cenário” enunciativo.

Temos na linha D a contribuição de Ricoeur (2012), que expressa orientações sobre a atuação do glossário na performance interpretativa, funcionando como uma ferramenta cognitiva de resgate a conceitos específicos nos processos de tradução. Para

Fauconnier e Turner (1998, 2002), o glossário é o que vem sendo chamado de domínios na Teoria dos Espaços Mentais, conceitos igualmente evocados e relacionados a frames e domínios semânticos.

Na linha E, Castro (2013) vem apresentar a importância dos aspectos imagéticos no exercício da tradução e interpretação, utilizando o espaço de sinalização para apresentar ações macro e micro-visuais. Na mesma linha, porém na coluna da Linguística Cognitiva, identificamos a similaridade com a teoria de Talmy (2000), que se baseia nos princípios da Gestalt, um estudo que revela a possibilidade de produzir sentenças em diferentes perspectivas de destaque, dependendo da nossa intenção comunicativa.

Para finalizar a análise comparativa, destacamos Lacerda (2009), que evidencia a importância do profissional tradutor-intérprete conhecer o tema que está sendo tratado, o vocabulário específico e as expressões que precisam estar disponíveis a priori. Não poderia ser diferente para Fillmore (1982), diante da prerrogativa de que se espera que o tradutor-intérprete possa ter subsídios para fazer suas escolhas tradutórias, garantindo fidelidade à tradução, em uma estrutura abstrata de expectativas (dicionário mental e simulação mental) que trazem

consigo papéis, propósitos, sequências naturais ou convencionadas de tipos de eventos e tudo que deseja associar à noção de “frame”.

Como já conceituado ao longo da apresentação da revisão bibliográfica, a Simulação Mental vem a ser o processo cognitivo em que desembocam os domínios cognitivos na construção de sentidos e na produção de sentenças, um exercício cognitivo primordial no desempenho dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais. Bergen, Chang e Narayan (2004) afirmam que o cenário é imaginado e descrito por ativação de um subconjunto das estruturas neurais que estariam envolvidas em perceber os preceitos e executar as ações descritas na simulação.

Para sintetizar esses processos neurais que ocorrem no momento da tradução e da interpretação na mente dos profissionais tradutores-intérpretes de línguas de sinais, apresentamos o diagrama a seguir:

Diagrama 1 – Processo tradutório cognitivo-corporificado



Fonte: produzido pela autora

Vale ressaltar que o diagrama foi produzido com base nos princípios dos processos de tradução e interpretação defendidos pela Gramática de Construção Visuo-Corporificada de Ribeiro (2016).

O diagrama objetiva demonstrar como o processo tradutório cognitivo-corporificado comporta-se frente aos estímulos intralingual, interlingual

e intersemiótico. São acionados diferentes domínios cognitivos em direção à Simulação Mental. São domínios interligados e interdependentes, não é uma relação cartesiana, é uma relação holística. O todo em funcionamento em redes neurais em direção ao sentido, uma habilidade cognitiva que construirá um ser pensante, capaz de fazer previsões, de raciocinar sobre suas atividades linguísticas, organizando-as com coesão e coerência.

Considerações finais

Desde a década de 80, a Linguística Cognitiva tem se revelado um arcabouço teórico rico para semear estudos linguísticos na modalidade oral. Porém, é notório o interesse crescente de estudiosos das línguas visuo-corpóreo-espaciais nesta perspectiva que tem se mostrado frutífera para estudos corporificados (RIBEIRO, 2016).

Este estudo tomou como objetivo dialogar com os principais autores e suas teorias que possam explicar os processos cognitivos dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais durante sua atuação intra-interlingual, semiótica e intersemiótica. A partir de uma análise comparativa, viabilizamos este diálogo, que mostrou as similaridades e congruências entre os estudos da Tradução, da Linguística Cognitiva e da atuação na tradução-intepretação em línguas de sinais.

A análise revelou processos cognitivos, traduzidos em modelos cognitivos encontrados na Gramática de Construções Corporificadas de Bergen e Chang, que explicam o caminho percorrido pelas redes neurais de um tradutor-intérprete de língua de sinais no exercício de sua atuação.

A pesquisa também revelou que a maturação nos processos cognitivos leva o profissional tradutor-intérprete a desenvolver uma habilidade fundamental para garantir uma melhor performance tradutória: é a Simulação Mental. Trata-se de processos de antecipação produzidos de forma imagética, uma ferramenta cognitiva que subsidia a produção comunicativa. Conhecer o assunto a ser tratado na tradução, antecipar possíveis expressões e identificar os cenários enunciativos auxiliam no desempenho de uma atuação que exige do profissional fazer escolhas em um curto espaço de tempo entre ouvir a mensagem, processá-la (interpretá-la) encontrar equivalente na língua alvo, construir as sentenças e expressá-las.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. M. T. de. Uma breve apresentação da Teoria dos Espaços Mentais e da Teoria da Mesclagem. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. do E.; CAVALCANTE, S. M. S. (Orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- BERGEN, B.; CHANG, N. Embodied construction grammar in simulation-based language understanding. In: OSTMAN, J.-O.; FRIED, M. (Eds.). *Construction Grammars: Cognitive Grounding and Theoretical Extensions*. Amsterdam: John Benjamins, p. 147-190, 2005.
- _____. Embodied Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.) *Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford, UK: Oxford University Press, p. 168-190, 2013.
- BERGEN, B.; CHANG, N.; NARAYAN, S. Simulated Action in a Embodied Construction Grammar. *Proceedings ... THE 26TH ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY*. Chicago, Il, p. 108-113, 2004.
- BERGEN, B. K.; LINDSAY, S.; MATLOCK, T.eenie; NARAYANAN, S. Spatial and linguistic aspects of visual imagery in sentence comprehension. *Cognitive Science*, 31, 733-764, 2007.
- CASTRO, N. P. Aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais na tradução de fábulas para Libras. In: QUADROS, R. M. de.; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. *Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Insular, 2013.
- CAVALCANTE, S.; SOUZA, A. L. Linguagem e cognição sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. In: HERMONT, A. B.; SANTO, R. S. do E.; CAVALCANTE, S. M. S. (Orgs.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- CHANG, N; MOK, E. A structured context model for grammar learning. In: INTERNATIONAL JOINT CONFERENCE ON NEURAL NETWORKS (IJCNN). *Proceedings*. Vancouver, British Columbia, 2006.
- CHIAVEGATTO, V. C. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun, 2009.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. *Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências*. Natal: EDUFRN, 2012.
- FAUCONNIER, G. Mental spaces. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *Cognitive Linguistics*. Oxford University Press. New York, 2007.
- FAUCONNIER, G. e SWEETSER, E. *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- FAUCONNIER, G., TURNER, M. Conceptual integration networks. *Cognitive Science Society*, p. 133-187, 1998.
- _____. *The Way we Think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FELDMAN, J. A. *From Molecules to Metaphors: a neural theory of language*. Cambridge, Ma: Bradford; MIT Press, 2006.

- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FILLMORE, C. Frame Semantic. In: BERGEN, B. K.; EVANS, V.; ZINKEN, J. *The Cognitive Linguistic Reader*. London, Oakville: Equinos, 2007.
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. In *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- JOHNSON, M. *The Body in the Mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LACERDA, C. B. *Intérpretes de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Mediação/FAPESPE, 2009.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we Live by*. Chicago: University of Chicago Press. Press, 1980.
- _____. *Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar. Vol. I: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- MAGALHÃES, JR. E. *Sua majestade, o intérprete: o fascinante mundo da tradução simultânea*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E., (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.
- OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- OSMANSKA-LIPKA, I. Elements of Gestalt psychology in American Cognitive Linguistics. *Annales Universitatis Mariae Curie-Sklodowska*. Lublin-Polonia. V. XXX, 2. 2012.
- ÖSTMAN, J.; FRIED, M. (Ed.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- RIBEIRO, V. P. A *linguística cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em libras: uma proposta com foco na formação de TILS*. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis.
- RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M. *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The Embodied Mind: cognitive Science and human experience*. Massachusetts Institute of Technology, Press, 1991.